

isto nunca aconteceu

lara prescott

Tradução de Maria João Trindade



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

Para o Matt

Quero estar com aqueles
que sabem segredos
ou, então, sozinho.
— RAINER MARIA RILKE

ÍNDICE

Prólogo: As datilógrafas	13
LESTE: 1949-1950	19
Capítulo 1: A musa	21
OCIDENTE: OUTONO DE 1956	37
Capítulo 2: A candidata	39
Capítulo 3: As datilógrafas	53
Capítulo 4: A andorinha	67
LESTE: 1950-1955	79
Capítulo 5: A mulher reabilitada	81
Capítulo 6: O Cabeça-nas-nuvens	97
Capítulo 7: A emissária	109
OCIDENTE: FEVEREIRO-OUTONO DE 1957	117
Capítulo 8: A mensageira	119
Capítulo 9: As datilógrafas	131
LESTE: 1955-1956	139
Capítulo 10: O agente	141
Capítulo 11: A emissária	153
OCIDENTE: OUTONO DE 1957-AGOSTO DE 1958	161
Capítulo 12: A mensageira	163
Capítulo 13: A andorinha	185
Capítulo 14: O funcionário dedicado	197
Capítulo 15: A andorinha	207
Capítulo 16: A mensageira	219
Capítulo 17: As datilógrafas	225
Capítulo 18: A mensageira	231
LESTE: MAIO DE 1958	239
Capítulo 19: A mãe	241

OCIDENTE: AGOSTO-SETEMBRO DE 1958	247
Capítulo 20: As datilógrafas	249
Capítulo 21: A freira	259
LESTE: SETEMBRO-OUTUBRO DE 1958	273
Capítulo 22: O vencedor	275
OCIDENTE: OUTUBRO-DEZEMBRO DE 1958	281
Capítulo 23: A informadora	283
LESTE: OUTUBRO-DEZEMBRO DE 1958	287
Capítulo 24: A emissária	289
OCIDENTE: DEZEMBRO DE 1958	299
Capítulo 25: A desertora	301
LESTE: JANEIRO DE 1959	307
Capítulo 26: A chefe dos correios	309
OCIDENTE: VERÃO DE 1959	321
Capítulo 27: A estudante	323
LESTE: 1960-1961	327
Capítulo 28: A quase viúva	329
Epílogo: As datilógrafas	341
Nota da Autora e Agradecimentos	345

PRÓLOGO

AS DATILÓGRAFAS

Datilográvamos cem palavras por minuto e nunca falhávamos uma sílaba. As nossas secretárias idênticas estavam equipadas, cada uma, com uma máquina de escrever *Royal Quiet Deluxe* cor de menta, um telefone de disco negro e uma pilha de blocos de notas amarelos. Os nossos dedos voavam pelas teclas. O nosso ruído era constante. Só parávamos para atender o telefone ou dar uma passa num cigarro; algumas de nós conseguiam fazer as duas coisas ao mesmo tempo, sem pestanejar.

Os homens chegavam por volta das dez. Um por um, chamavam-nos aos seus escritórios. Nós sentávamo-nos em cadeiras pequenas, encostadas a um canto, enquanto eles se sentavam atrás das suas enormes secretárias de mogno ou percorriam a alcatifa de um lado para o outro, enquanto falavam para o teto. Nós ouvíamos. Registávamos. Éramos o público para um dos seus memorandos, relatórios, repreensões, pedidos para o almoço. Às vezes, eles esqueciam-se de que lá estávamos e acabávamos por saber muito mais: quem estava a tentar tramar quem, quem estava a fazer uma jogada de poder, quem andava a ter um caso, quem estava dentro e quem estava fora.

Às vezes, referiam-se a nós, não pelo nome, mas pela cor de cabelo ou tipo de corpo: Loirinha, Ruiva, Mamocas. Também tínhamos as nossas alcunhas secretas para eles: Mãozinhas, Bafo de Café, Dentuça.

Chamavam-nos «miúdas», mas não o éramos.

Chegávamos à Agência depois de termos frequentado as faculdades de Radcliffe, Vassar, Smith. Éramos as primeiras filhas das nossas famílias a obter diplomas. Algumas de nós falavam mandarim. Algumas sabiam pilotar aviões. Algumas de nós sabiam empunhar uma *Colt 1873*, melhor do que o John Wayne. No entanto, quando éramos entrevistadas, a única coisa que nos perguntavam era: «Sabes datilografar?»

Diz-se que a máquina de escrever foi feita para as mulheres: que para realmente fazer as teclas cantar é preciso o toque feminino, que os nossos dedos finos são adequados ao dispositivo, que enquanto os homens reclamam para si os carros, as bombas e os foguetões, a máquina de escrever é só nossa.

Bem, quanto a isso, não sabemos; mas podemos dizer que, enquanto datilografávamos, os nossos dedos tornavam-se extensões dos nossos cérebros, sem qualquer atraso entre o momento em que as palavras saíam das bocas deles — palavras que nos mandavam esquecer — e o momento em que as nossas teclas atiravam a tinta para o papel. E, quando pensamos nisso dessa forma, em toda a mecânica do processo, é quase poético. Quase.

Mas será que ansiávamos por enxaquecas, pulsos doridos e má postura? Era com isso que sonhávamos no liceu, quando estudávamos duas vezes mais do que os rapazes? Estávamos a pensar em trabalho administrativo quando abrimos os envelopes grossos que continham as nossas cartas de aceitação da faculdade? Ou pensámos que seria esse o nosso destino, quando nos sentámos naquelas cadeiras brancas de madeira na linha das cinquenta jardas, de toga e capelo, ao receber os pergaminhos enrolados que prometiam que éramos qualificadas para fazer muito mais?

A maioria de nós via o emprego na secção de datilografia como algo temporário. Não o admitiríamos em voz alta — nem sequer umas às outras —, mas muitas de nós acreditavam que seria uma primeira etapa para conseguir o que os homens obtinham mal saíam da faculdade: cargos oficiais; os nossos próprios gabinetes, com candeeiros que emanavam uma luz favorecedora, tapetes felpudos, secretárias de madeira; as nossas próprias datilógrafas a tomar nota dos *nossos* ditados. Encarávamos a situação como um começo, não um fim, apesar do que nos tinham dito durante toda a nossa vida.

Havia outras mulheres que vinham para a Agência, não para começar a carreira, mas para a terminar. Eram réstias do OSS¹, onde tinham sido lendas durante a guerra, mas tinham-se tornado relíquias, relegadas para

¹ Office of Strategic Services (Gabinete de Serviços Estratégicos). (*N. da T.*)

a secção de datilografia, o arquivo ou uma secretária num canto qualquer, sem nada para fazer.

Havia a Betty. Durante a guerra, ela geria as operações secretas, destruía a moral do inimigo com artigos de jornal falsos e panfletos de propaganda largados de aviões. Ouvimos dizer que, em tempos, forneceu dinamite a um homem que fez explodir um comboio de carga, enquanto este passava numa ponte, algures na Birmânia. Nunca tínhamos a certeza do que era verdade e do que não era; aqueles registos antigos do OSS acabavam sempre por desaparecer. O que sabíamos, de facto, era que, na Agência, a Betty se sentava a uma secretária com todas nós, e os homens da Ivy League que tinham sido seus colegas durante a guerra eram agora os seus chefes.

Pensamos na Virginia, sentada diante de uma secretária semelhante — com o casaco de malha amarelo e grosso, à volta dos ombros, fosse qual fosse a estação, e um lápis preso num coque, no cimo da cabeça. Pensamos no seu único sapato azul e felpudo, por baixo da secretária — não precisava de outro; a sua perna esquerda tinha sido amputada depois de um acidente de caça, na infância. Tinha chamado *Cuthbert* à sua prótese e, se bebesse demasiado, tirava-a e oferecia-a às pessoas. A Virginia raramente falava do tempo que passou no OSS e, se não tivéssemos ouvido os rumores acerca dos seus dias de espia, pensaríamos que ela era apenas outra funcionária do governo que já não ia para nova. Mas nós tínhamos ouvido as histórias: como daquela vez em que ela se disfarçou de criada e levou uma manada de vacas e dois combatentes da Resistência Francesa até à fronteira; ou que a Gestapo a tinha considerado uma das mais perigosas espias dos Aliados — com a *Cuthbert* e tudo. Às vezes, a Virginia passava por nós no corredor, ou partilhávamos um elevador com ela, ou víamo-la à espera do autocarro número dezasseis, na esquina da E com a Twenty-First. Tínhamos vontade de parar e fazer-lhe perguntas sobre os tempos em que combatia os nazis — se ela ainda pensava nesses dias, enquanto estava sentada à secretária, à espera da próxima guerra ou que alguém a mandasse para casa.

Durante anos, tentaram livrar-se das raparigas do OSS — não precisavam delas, na sua nova guerra fria. Aqueles mesmos dedos que em tempos puxaram gatilhos tinham-se tornado mais adequados à máquina de escrever, aparentemente.

Mas quem éramos nós para nos queixarmos? Era um bom emprego, e tínhamos sorte por tê-lo. E era certamente mais emocionante do que a maioria dos empregos na função pública. Ministério da Agricultura? Do Interior? Dá para imaginar?

A Divisão da Rússia Soviética, ou RS, tornou-se a nossa segunda casa. E, da mesma forma que a Agência era conhecida como um clube de cavaleiros, nós formámos o nosso próprio grupo. Começámos a referir-nos a nós mesmas como a «Secção», e tornámo-nos mais fortes por causa disso.

Além disso, a deslocação para o emprego não era má. Quando estava mau tempo, apanhávamos o autocarro ou o eléctrico, e íamos a pé quando estava sol. A maioria de nós vivia nos arredores da Baixa: Georgetown, Dupont, Cleveland Park, Cathedral Heights. Vivíamos sozinhas, em prédios sem elevadores, em estúdios tão pequenos que praticamente podíamos deitar-nos e tocar uma parede com a cabeça e a outra com os dedos dos pés. Vivíamos nas últimas pensões da Massachusetts Avenue, com filas de beliches e recolher obrigatório às dez e meia. Muitas vezes, tínhamos colegas de quarto — outras raparigas da função pública, com nomes como Agnes ou Peg, que estavam sempre a deixar os seus rolos do cabelo cor-de-rosa no lavatório ou manteiga de amendoim grudada na parte de trás da faca da manteiga, ou pensos higiénicos usados e mal fechados no pequeno caixote do lixo ao lado do lavatório.

Nessa altura, só a Linda Murphy é que era casada, e tinha casado recentemente. As casadas nunca ficavam por muito tempo. Algumas aguentavam até engravidar, mas normalmente, mal lhes punham um anel de noivado no dedo, elas começavam a planear ir-se embora. Comíamos bolo às camadas da Safeway na sala de pausa, para nos despedirmos delas. Os homens apareciam para comer uma fatia e diziam que lamentavam muito a sua partida; mas nós apercebíamo-nos do brilho no olhar deles, quando pensavam nas raparigas novas, mais jovens, que tomariam o lugar delas. Prometíamos manter o contacto, mas depois do casamento e de terem um bebé, elas assentavam arraiais nos recantos mais longínquos do Distrito — lugares onde só chegaríamos de táxi ou apanhando dois autocarros, como Bethesda, Fairfax ou Alexandria. Talvez até fizéssemos a viagem para o primeiro aniversário do bebé, mas tudo o que viesse depois disso seria improvável.

A maioria de nós era solteira e punha a sua carreira em primeiro lugar — uma opção que tínhamos de garantir constantemente aos nossos pais que não era uma tomada de posição política. Claro que eles ficavam orgulhosos quando nos licenciávamos, mas a cada ano que passávamos a fazer uma carreira, em vez de fazer bebés, eles ficavam cada vez mais confusos em relação ao nosso estado civil e à nossa estranha decisão de viver numa cidade construída sobre um pântano.

E, claro, no verão, a humidade de Washington era espessa como um cobertor molhado, os mosquitos tinham riscas de tigre e eram ferozes. De manhã, os nossos caracóis, feitos na noite anterior, desmanchavam-se assim que púnhamos o pé fora de casa. E os elétricos e autocarros eram quentes como saunas, mas cheiravam a esponjas podres. Tirando os duches frios, não havia um único momento em que não nos sentíssemos suadas e desgrenhadas.

O inverno não servia de grande alívio. Juntávamo-nos e saímos a correr da nossa paragem de autocarro, com a cabeça baixa para evitar os ventos que sopravam do gélido rio Potomac.

No entanto, no outono, a cidade ganhava vida. As árvores ao longo da Connecticut Avenue pareciam fogos de artifício, vermelhos e cor de laranja. E a temperatura era agradável; não tínhamos de nos preocupar em ficar com as blusas ensopadas de suor nas axilas. Os vendedores de cachorros-quentes serviam castanhas assadas em pequenos sacos de papel — na quantidade ideal para comer a caminho de casa, ao fim do dia.

E cada primavera trazia consigo cerejeiras em flor e camionetas cheias de turistas que visitavam os monumentos e, sem prestar atenção aos muitos sinais, arrancavam as flores cor-de-rosa e brancas e as prendiam atrás de uma orelha ou no bolso do fato.

O outono e a primavera no Distrito eram épocas de se aproveitar e, nesses momentos, parávamos e sentávamo-nos num banco de jardim ou fazíamos um desvio pelo Espelho d'Água. Claro que dentro do complexo da Agência, na E Street, as luzes fluorescentes mergulhavam tudo numa luz forte, realçando-nos o brilho na testa e os poros do nariz; mas, ao fim do dia, quando íamos embora e o ar fresco nos atingia os braços nus, quando optávamos por fazer a longa caminhada até casa, passando pelo Centro Comercial, era nesses momentos que a cidade sobre o pântano se tornava um postal.

Mas também nos lembramos dos dedos doridos e dos pulsos magoados, e dos ditados, relatórios e memorandos sem fim. Datilografávamos tanto, que algumas de nós até sonhavam com isso. Mesmo anos mais tarde, os homens com quem partilhávamos a cama comentavam que, às vezes, os nossos dedos estremeçam enquanto dormíamos. Lembramo-nos de olhar para o relógio, de cinco em cinco minutos, nas tardes de sexta-feira. Lembramo-nos dos cortes de papel, do papel higiénico áspero, do piso de madeira da entrada, que à segunda de manhã cheirava a sabão *Murphy Oil*, e de como os nossos saltos escorregavam por dias a fio, depois de o encerarem.

Lembramo-nos da fila única de janelas na parede ao fundo da RS — eram demasiado altas para vermos lá para fora e, de qualquer forma, a única coisa que veríamos seria o edifício cinzento do Departamento de Estado, do outro lado da rua, que era exatamente igual ao nosso edifício cinzento. Especulávamos acerca da sua secção de datilografia. Qual seria o aspeto delas? Como seriam as suas vidas? Alguma vez olhariam pelas suas janelas, para o nosso edifício cinzento, e pensariam em nós?

Naquela altura, esses dias pareciam longos e específicos; mas, ao olhar para trás, todos se misturam. Não sabemos dizer se a festa de Natal em que o Walter Anderson entornou vinho tinto na parte da frente da própria camisa e desmaiou na receção, com um bilhete preso à lapela a dizer «NÃO RESSUSCITAR», aconteceu em 1951 ou 1955. Nem nos lembramos se a Holly Falcon foi despedida porque deixou que um oficial de visita lhe tirasse fotos nua na sala de conferências do segundo andar, ou se foi promovida precisamente por causa dessas fotos e despedida pouco depois, por outro motivo qualquer.

Mas há coisas que não esquecemos.

Se alguém viesse à Sede e visse uma mulher com um elegante fato de *tweed* verde, a seguir um homem para o gabinete dele, ou uma mulher de saltos vermelhos e camisola angorá a condizer na receção, talvez presumisse que estas mulheres eram datilógrafas ou secretárias; e teria toda a razão. Ao mesmo tempo, estaria totalmente errado. *Secretária*: alguém a quem é confiado um segredo. Do Latim, *secretus*, *secretum*. Todas datilografávamos, mas algumas de nós faziam mais do que isso. Não dizíamos uma palavra acerca do trabalho que fazíamos, depois de taparmos as nossas máquinas de escrever, todos os dias. Ao contrário de alguns dos homens, sabíamos guardar um segredo.

LESTE

1949-1950

CAPÍTULO 1

A MUSA

Quando os homens de fato negro nos visitaram, a minha filha ofereceu-lhes um chá. Os homens aceitaram, com educação, como se tivessem sido convidados. Mas quando começaram a despejar as gavetas da minha secretária para o chão, a tirar livros das estantes às mãos-cheias, a virar colchões e remexer nos roupeiros, a Ira tirou a cafeteira do fogão e voltou a guardar as chávenas e os pires no armário.

Quando um dos homens, que trazia um caixote grande, ordenou aos outros que encaixotassem tudo o que fosse útil, o meu filho mais velho, Mitya, foi para a varanda, onde tinha a sua fêmea de ouriço-cacheiro. Enfiou-a dentro da camisola, como se os homens fossem encaixotar também o animal de estimação. Um dos homens — o que mais tarde iria deixar a sua mão descer-me pelas costas enquanto me enfiava no seu carro preto — fez uma festa na cabeça ao Mitya e chamou-lhe «lindo menino». Mitya, o doce Mitya, empurrou a mão do homem com um gesto brusco e fugiu para o quarto que partilhava com a irmã.

A minha mãe, que estava na banheira quando os homens chegaram, saiu da casa de banho apenas de robe — com o cabelo molhado e o rosto corado.

— Bem te disse que isto ia acontecer. Bem te disse que eles vinham aí. — Os homens vasculharam as minhas cartas do Boris, os meus apontamentos, as minhas listas de compras, os recortes de jornal, revistas, livros. — Bem te disse que ele só nos traria desgostos, Olga.

Antes que eu pudesse responder, um dos homens agarrou-me o braço — mais como um amante do que como alguém enviado para me prender — e, com o seu hálito quente no meu pescoço, disse que estava na hora de irmos embora. Paralisei. Só com os gritos dos meus filhos é que voltei ao presente. A porta fechou-se atrás de nós, mas os gritos deles ouviram-se ainda mais alto.

O carro virou duas vezes à esquerda, depois à direita. Depois, outra vez à direita. Não precisei de olhar pela janela para saber onde me levavam os homens de fato preto. Senti-me enjoada e disse-o ao homem que estava ao meu lado, que cheirava a couve e cebolas fritas. Ele abriu a janela — uma pequena amabilidade. Mas as náuseas continuaram e, quando avistei o enorme edifício de tijolo amarelo, senti um vômito.

Em criança, ensinaram-me a suster a respiração e não pensar em nada, ao passar pelo Lubyanka — dizia-se que o Ministério da Segurança de Estado percebia, se tivéssemos pensamentos antissoviéticos. Na altura, eu não fazia ideia do que seriam pensamentos antissoviéticos.

O carro passou por uma rotunda e depois pelo portão que dava para o pátio interior do Lubyanka. A minha boca encheu-se de bÍlis, que rapidamente engoli. Os homens sentados ao meu lado afastaram-se tanto quanto puderam.

O carro parou.

— Qual é o edifício mais alto de Moscovo? — perguntou o homem que cheirava a cebolas e couve, enquanto abria a porta. Senti outra vaga de náusea e dobrei-me para a frente, despejando o meu pequeno-almoço de ovos estrelados nas pedras da calçada, quase acertando nos sapatos pretos e baços do homem. — É o Lubyanka, claro. Dizem que até da cave se consegue ver a Sibéria.

O segundo homem riu-se e apagou o cigarro na sola do sapato.

Eu cuspi duas vezes e limpei a boca com as costas da mão.

Assim que entrei no enorme edifício de tijolo amarelo, os homens de fato negro entregaram-me a duas guardas prisionais, mas não sem antes me lançarem um olhar que insinuava que eu devia estar grata por não serem eles a levar-me até à minha cela. A mulher mais forte, com um ligeiro buço, sentou-se numa cadeira de plástico azul, a um canto, enquanto a mulher mais pequena me pedia, numa voz tão meiga que parecia estar a tentar convencer uma criança a ir à casa de banho, para me despír. Tirei o casaco, o vestido e os sapatos e fiquei só com a minha roupa interior cor de pele,

enquanto a mulher mais pequena me tirava o relógio de pulso e os anéis. Deixou-os cair para dentro de um recipiente de metal, com um estrondo que ecoou nas paredes de betão, e fez-me sinal para que tirasse o sutiã. Recusei, cruzando os braços.

— Precisamos dele — disse a mulher sentada na cadeira azul; era a primeira vez que me dirigia a palavra. — Podes enforcar-te. — Desapertei o sutiã e tirei-o, sentindo o ar frio a atingir-me o peito. Senti os olhos delas a percorrem-me o corpo. Mesmo em circunstâncias como estas, as mulheres apreciam-se umas às outras.

— Estás grávida? — perguntou a mulher mais forte.

— Sim. — Era a primeira vez que o admitia em voz alta.

A última vez que eu e o Boris tínhamos feito amor fora uma semana depois de ele ter acabado a relação, pela terceira vez. «Acabou-se», disse-me. «Tem de acabar.» Eu estava a destruir-lhe a família. Eu era a causa do sofrimento dele. Disse-me tudo isto enquanto descíamos um beco transversal à Rua Arbat, e eu caí contra a entrada de uma padaria. Ele ia ajudar-me a levantar, e eu gritei para que me deixasse em paz. As pessoas pararam e ficaram a olhar.

Na semana seguinte, veio bater à minha porta. Tinha trazido um presente: um luxuoso roupão japonês, que as irmãs lhe tinham comprado em Londres, a seu pedido. «Experimenta-o para eu ver», implorou. Eu escondi-me atrás do meu biombo e vesti-o. O tecido era rígido e não me favorecia; ficava saliente na barriga. Era demasiado grande — talvez ele tivesse dito às irmãs que o presente era para a mulher. Odiei-o e disse-lho. Ele riu-se. «Então, tira-o», implorou ele. E eu assim fiz.

Um mês depois, senti a pele a picar, como se estivesse a entrar num banho quente depois de vir do frio. Já tinha sentido esse formigueiro, com a Ira e o Mitya, e percebi que estava grávida dele.

— Então vais ser vista por um médico, em breve — disse a guarda mais pequena.

Revistaram-me, levaram tudo, deram-me uma enorme bata cinzenta e chinelos dois tamanhos acima, e escoltaram-me até uma caixa de cimento que continha apenas uma esteira e um balde.

Fiquei fechada na caixa de cimento durante três dias e, duas vezes por dia, davam-me *kasha* e leite fermentado. Um médico veio ver-me, embora fosse apenas para confirmar aquilo que eu já sabia. Graças ao bebé que crescia dentro de mim, escapei a coisas mais terríveis que aconteciam às mulheres que iam para aquela caixa.

Ao fim de três dias, levaram-me para uma cela grande, também de cimento, com mais catorze prisioneiras. Deram-me uma cama com uma estrutura de metal aparafusada ao chão. Assim que os guardas fecharam a porta, deitei-me.

— Não podes dormir agora — disse uma jovem, sentada na cama ao lado. Tinha braços magros, com feridas nos cotovelos. — Eles vêm e acordam-te. — Apontou para as luzes fluorescentes que brilhavam no teto. — Não é permitido dormir de dia.

— E vais ter sorte, se conseguires dormir uma hora à noite — disse uma segunda mulher. Era ligeiramente parecida com a primeira, mas parecia ter idade suficiente para ser mãe dela. Fiquei a pensar se seriam parentes ou, se depois de estarmos neste lugar, sob aquelas luzes fortes, a usar as mesmas roupas, ficamos todas a parecer-nos umas com as outras. — É quando nos vêm buscar para as *conversinhas* deles.

A mulher mais jovem olhou para a mais velha.

— O que fazemos, em vez de dormir? — perguntei.

— Esperamos.

— E jogamos xadrez.

— Xadrez?

— Sim — respondeu uma terceira mulher, que estava sentada a uma mesa do outro lado da cela. Pegou num cavalo, improvisado a partir de um dedal. — Sabes jogar? — Não sabia, mas ia aprender, no mês de espera que se seguiu.

Os guardas vieram mesmo. Todas as noites, levavam uma mulher de cada vez e, horas depois, devolviam-na à Cela N.º 7, com os olhos vermelhos e em silêncio. Todas as noites, eu preparava-me para ser levada; mas, ainda assim, fiquei surpreendida quando finalmente vieram.

Fui acordada pela pancada de um cassetete no meu ombro despido.

— Iniciais! — gritou o guarda inclinado sobre a minha cama. Os homens que vinham à noite exigiam sempre saber as nossas iniciais, antes de nos levarem. Murmurei a minha resposta. O guarda mandou-me vestir e não se virou enquanto eu o fazia.

Percorremos um corredor escuro e descemos vários lanços de escadas. Imaginei se os rumores seriam verdadeiros: que o Lubyanka tinha vinte pisos subterrâneos e estava ligado por túneis ao Kremlin, e que um dos túneis dava para um *bunker* equipado com todos os luxos, construído para Estaline durante a guerra.

Fui levada até ao fundo de outro corredor, até uma porta com o número 271. O guarda abriu-a ligeiramente, espreitou lá para dentro e depois escancarou-a, soltando uma gargalhada. Não era uma cela, mas uma despensa, cheia de torres de carnes enlatadas, caixas de chá cuidadosamente empilhadas e sacos de farinha de centeio. O guarda resmungou e apontou para o outro lado da divisão, para outra porta; esta, sem número. Abri-a. Lá dentro, os meus olhos tiveram dificuldade em adaptar-se à luz. Era um escritório, com mobília chique que ficaria bem na entrada de um hotel. Numa das paredes, havia uma estante alta, cheia de livros de capa de cabedal; na outra, havia três guardas enfileirados. Um homem de túnica militar estava sentado a uma enorme secretária, no meio da sala. Em cima dela, estavam pilhas de livros e cartas: os *meus* livros, as *minhas* cartas.

— Sente-se, Olga Vsevolodovna — disse ele. O homem tinha os ombros curvados de alguém que passara a vida atrás de uma secretária, ou a fazer trabalhos pesados. A julgar pelas mãos impecavelmente arranjadas que seguravam na chávena de chá, calculei que fosse a primeira hipótese. Sentei-me na pequena cadeira que estava à frente dele.

— Desculpe tê-la feito esperar — disse o homem.

Comecei com o discurso que andei a preparar durante semanas:

— Não fiz nada de errado. Têm de me soltar. Tenho família. Não há... Ele levantou um dedo.

— Nada de errado? Vamos averiguar isso... com o tempo. — Suspirou e limpou os dentes com a ponta da unha grossa e amarelada. — E vai demorar.

Tinha pensado que me deixariam sair a qualquer momento, que tudo se iria resolver, que ia passar o Ano Novo sentada ao lado de uma lareira quente, a beber um belo copo de vinho da Geórgia, com o Boris.

— Então, o que é que a Olga fez? — Remexeu em alguns documentos e pegou naquilo que parecia ser um mandado de captura. — Expressiu *opiniões antissoviéticas, de natureza terrorista* — leu, como quem lê a lista de ingredientes de uma receita de bolo de mel.

Talvez se pense que o horror é uma sensação fria — que entorpece o corpo, preparando-o para o mal que se avizinha. Para mim, foi um calor que ardeu como fogo, a percorrer-me de uma ponta à outra.

— Por favor — disse. — Tenho de falar com a minha família.

— Permita-me que me apresente. — Ele sorriu e recostou-se na cadeira, com o cabedal a chiar. — Sou o seu humilde interrogador. Posso oferecer-lhe um chá?

— Sim.

Não fez qualquer movimento para me servir o chá.

— Chamo-me Anatoli Sergeyeovich Semionov.

— Anatoli Sergeyeovich...

— Pode chamar-me Anatoli. Vamos ficar a conhecer-nos bastante bem, Olga.

— Pode chamar-me Olga Vsevolodovna.

— Está bem.

— E gostava que fosse direto comigo, Anatoli Sergeyeovich.

— E eu gostava que fosse sincera comigo, Olga Vsevolodovna. — Tirou um lenço manchado do bolso e assoou-se. — Fale-me desse romance que ele tem andado a escrever. Ouvi dizer umas coisas.

— Que coisas?

— Diga-me — disse ele. — Sobre o que é esse *Doutor Jivago*?

— Não sei.

— Não sabe?

— Ele ainda está a escrevê-lo.

— Imaginemos que a deixo aqui sozinha por um bocadinho, com uma caneta e uma folhinha de papel. Talvez possa pensar no que sabe ou não sabe acerca do livro e anotar isso tudo. Parece-lhe um bom plano?

Não respondi.

Ele levantou-se e passou-me uma pilha de folhas em branco. Tirou uma caneta banhada a ouro do bolso.

— Tome, use a minha caneta.

Deixou-me com a caneta e o papel e os três guardas.

Caro Anatoli Sergeyeovich Semionov,

Devo endereçar isto como uma carta? Como é que se endereça corretamente uma confissão?

Tenho realmente algo a confessar, mas não é algo que queira ouvir. E, com uma confissão dessas, como é que se começa? Talvez pelo início?

Pousei a caneta.

Da primeira vez que vi o Boris, ele estava numa sessão de poesia. Estava atrás de um simples atril de madeira, com um foco de luz a refletir no seu cabelo grisalho, a testa alta a brilhar. Enquanto lia os seus poemas, arregalava os olhos, fazia expressões exageradas e infantis que irradiavam

pelo público como ondas, que chegavam mesmo ao meu lugar, no balcão. As suas mãos mexiam-se rapidamente, como se dirigisse uma orquestra. E, de certa forma, era o que estava a fazer. Às vezes, o público não conseguia conter-se e gritava as deixas dele, antes que ele pudesse terminar. Certa vez, o Boris fez uma pausa e olhou para cima, para as luzes, e eu jurei que ele conseguia ver-me a observá-lo do balcão — que o meu olhar atravessou as luzes brancas para se cruzar com o dele. Quando terminou, levantei-me — com as mãos juntas, esquecendo-me de aplaudir. Fiquei a observar enquanto as pessoas invadiam o palco e o rodeavam; fiquei espedada, enquanto a minha fila, o balcão e depois todo o auditório ficavam vazios.

Peguei na caneta.

Ou devo começar pela forma como começou?

Menos de uma semana depois dessa sessão de poesia, Boris estava a pisar a alcatifa vermelha da entrada da *Novy Mir*, a conversar com o novo editor da revista literária, Konstantin Mikhailovich Simonov, um homem com um roupeiro cheio de fatos de antes da guerra e dois anéis de sinete que batiam um no outro quando fumava o seu cachimbo. Não era invulgar que os escritores visitassem o escritório. Na verdade, fiquei muitas vezes encarregada de lhes fazer uma visita guiada, servir-lhes chá, levá-los a almoçar — as cortesias normais. Mas Boris Leonidovich Pasternak era o mais famoso poeta russo com vida, pelo que o Konstantin serviu de anfitrião, levando-o pela longa fila de secretárias, apresentando-o aos *copywriters*, *designers*, tradutores e outros funcionários importantes. Visto de perto, o Boris era ainda mais atraente do que em palco. Tinha cinquenta e seis anos, mas passava por quarenta. O seu olhar alternava de pessoa para pessoa, enquanto trocava gracejos, com as maçãs do rosto exageradas pelo sorriso rasgado.

Quando eles se aproximaram da minha secretária, peguei na tradução em que tinha estado a trabalhar e comecei a marcar o manuscrito de poesia ao acaso. Debaixo da secretária, enfiei os pés nos sapatos de salto alto.

— Gostava de o apresentar a uma das suas admiradoras mais fervorosas — disse Konstantin a Boris. — Olga Vsevolodovna Ivinskaya.

Estendi a mão.

Boris virou-me o pulso para me beijar as costas da mão.

— Prazer em conhecê-la.

— Sou fã dos seus poemas, desde criança — disse eu, estupidamente, enquanto ele se afastava.

Ele sorriu, mostrando o espaço entre os dentes.

— Por acaso, agora estou a trabalhar num romance.

— É sobre o quê? — perguntei, amaldiçoando-me a mim mesma por pedir a um escritor para explicar o seu projeto antes de o ter terminado.

— É sobre a antiga Moscovo. A menina é demasiado nova para se lembrar dela.

— Que emocionante — disse Konstantin. — Por falar nisso, devíamos conversar no meu gabinete.

— Sendo assim, espero voltar a vê-la, Olga Vsevolodovna — disse Boris. — É bom saber que ainda tenho admiradores.

Começou tudo aí.

Da primeira vez que aceitei encontrar-me com ele, cheguei atrasada e ele chegou muito cedo. Disse que não se importava, que tinha chegado à Praça Pushkin com uma hora de antecedência e se tinha divertido a ver os pombos a pousar, um por um, na estátua de bronze de Pushkin, como se fossem chapéus vivos e a respirar. Quando me sentei ao seu lado, no banco de jardim, deu-me a mão e disse que não tinha pensado em mais nada, desde que me conhecesse — que não conseguia parar de pensar em como seria ver-me chegar e sentar-me ao lado dele, qual seria a sensação de dar-me a mão.

Depois disso, todas as manhãs, esperava à porta do meu apartamento. Antes do trabalho, percorríamos as amplas avenidas, atravessávamos praças e parques, para trás e para diante, por cada ponte que atravessava o rio Moskva, sempre sem destino definido. Nesse verão, as tílias tinham desabrochado totalmente, e toda a cidade tinha um aroma doce como o mel e ligeiramente podre.

Contei-lhe tudo: sobre o meu primeiro marido, que tinha encontrado enforcado, no nosso apartamento; sobre o meu segundo, que tinha morrido nos meus braços; sobre os homens com quem tinha estado antes deles e aqueles com quem tinha estado depois. Falei das minhas vergonhas, das minhas humilhações. Falei das minhas alegrias secretas: ser a primeira pessoa a sair de um comboio, organizar os meus cremes de rosto e perfumes para que ficassem com os rótulos virados para a frente, o sabor da tarte de cereja amarga ao pequeno-almoço. Naqueles primeiros meses, eu falava sem parar, e o Boris ouvia.

No fim do verão, comecei a chamar-lhe Borya e ele começou a

chamar-me Olya. E as pessoas tinham começado a falar de nós, especialmente a minha mãe. «É simplesmente inaceitável», dissera ela tantas vezes que lhe perdi a conta. «Ele é um homem casado, Olga.»

Mas eu sabia que Anatoli Sergeyevich não queria ouvir *essa* confissão. Sabia qual era a confissão que ele queria que eu escrevesse. Lembrei-me das suas palavras: «O destino do Pasternak vai depender da sua sinceridade.» Peguei na caneta e recomecei.

*Caro Anatoli Sergeyevich Semionov,
O Doutor Jivago é sobre um médico.
É um relato dos anos que se passaram entre as duas guerras.
É sobre o Yuri e a Lara.
É sobre a antiga Moscovo.
É sobre a antiga Rússia.
É sobre o amor.
É sobre nós.
O Doutor Jivago não é antissoviético.*

Uma hora depois, quando Semionov voltou, entreguei-lhe a minha carta. Ele leu-a por alto, de frente e verso.

— Pode voltar a tentar amanhã, à noite. — Fez uma bola com o papel, atirou-a para o chão e ordenou aos guardas que me levassem.

*

Noite após noite, um guarda vinha buscar-me, e eu e Semionov tínhamos as nossas conversinhas. E, noite após noite, o meu humilde interrogador fazia as mesmas perguntas: *Sobre o que é o romance? Porque é que ele está a escrevê-lo? Porque está a protegê-lo?*

Não lhe disse o que ele queria ouvir: que o romance era crucial para a revolução, que o Boris tinha rejeitado o realismo socialista para escrever sobre personagens que viviam e amavam de acordo com os desígnios dos seus corações, independentemente da influência do Estado.

Não lhe contei que o Borya tinha começado a escrever o romance antes de nos conhecermos. Que já tinha imaginado a Lara e que, nas primeiras páginas, a sua heroína se assemelhava à esposa dele, Zinaida. Não lhe contei que, com o passar do tempo, a Lara acabou por se transformar em mim. Ou talvez eu me tenha transformado nela.

Não lhe contei que o Borya me tinha chamado a sua musa, que, naquele primeiro ano que passámos juntos, me disse que tinha avançado mais com o livro do que no total dos três anos anteriores. Não contei que inicialmente me tinha sentido atraída por ele devido ao seu nome — o nome que todos conheciam —, mas que me apaixonei por ele apesar disso. Não disse que, para mim, ele era mais do que o famoso poeta em palco, a fotografia no jornal, a pessoa nas luzes da ribalta. Não disse que me deliciava com as suas imperfeições: o espaço entre os dentes; o pente com mais de vinte anos que se recusava a substituir; a forma como coçava a bochecha com uma caneta, quando estava a pensar, deixando um rasto de tinta preta no rosto; a forma como se pressionava a si mesmo para escrever a sua grande obra, a qualquer custo.

E pressionava-se mesmo. De dia, escrevia a um ritmo furioso, deixando cair as folhas escritas num cesto de vime por baixo da secretária. E, à noite, lia-me o que tinha escrito.

Às vezes, lia para pequenos grupos, reunidos em apartamentos, por toda a cidade de Moscovo. Os amigos sentavam-se em cadeiras dispostas em semicírculo, em redor de uma pequena mesa, onde estava sentado o Borya. Eu sentava-me ao lado dele, sentindo-me orgulhosa por servir de anfitriã, ser a mulher ao seu lado, a quase esposa. Ele lia com o seu entusiasmo habitual, com as palavras a atropelarem-se umas às outras, e olhava por cima das cabeças dos que estavam sentados à sua frente.

Eu frequentava essas sessões de leitura na cidade, mas não ia quando ele as dava em Peredelkino, a uma curta viagem de comboio de distância de Moscovo. A *dacha*² da colónia de escritores era território da esposa. A casa de madeira castanho-avermelhada, com enormes janelas salientes, ficava ao cimo de uma colina íngreme. Nas traseiras, havia filas de bétulas e abetos; ao lado, um caminho de terra que dava para um grande jardim. Quando me levou lá pela primeira vez, Borya explicou-me calmamente quais os legumes que tinham prosperado ao longo dos anos, quais tinham fracassado e porquê.

A *dacha*, maior do que as casas normais da maioria dos cidadãos, tinha-lhe sido entregue pelo governo. Na verdade, toda a colónia de Peredelkino era um presente do próprio Estaline, para ajudar os escritores escolhidos a dedicação da Terra-mãe a serem bem-sucedidos. «A produção de almas é mais importante do que a produção de tanques», dissera ele.

Como dizia Borya, também era uma boa forma de os controlar. O autor

² Casa de férias, tipicamente russa. (N. da T.)

Konstantin Aleksandrovich Fedin era um dos vizinhos. Korney Ivanovich Chukovsky vivia ali perto e usava a sua casa para trabalhar nos livros infantis. A casa onde Isaac Emmanuilovich Babel vivia e tinha sido detido — e à qual nunca mais voltou — ficava no sopé da colina.

E também não disse uma palavra ao Semionov sobre o Borya me ter confessado que aquilo que estava a escrever podia ser a sua morte, que temia que Estaline acabasse com ele, tal como o tinha feito a tantos amigos seus durante as Purgas.

As respostas que cheguei a dar também nunca deixaram o meu interrogador satisfeito. Dava-me sempre uma nova folha em branco e a sua caneta e dizia-me para voltar a tentar.

Semionov tentou de tudo para me arrancar uma confissão. Às vezes, era simpático; trazia-me chá, perguntava-me a minha opinião acerca da poesia, dizia que sempre tinha gostado da obra inicial do Borya. Conseguiu que um médico viesse ver-me uma vez por semana e deu ordens aos guardas para que me dessem um cobertor de lã a mais.

Outras vezes, tentava pregar-me rasteiras; dizia que o Borya tinha tentado entregar-se, em troca da minha liberdade. Certa vez, um carrinho de metal deslizou pelo corredor, atingindo uma parede com estrondo, e ele disse, em tom de gozo, que era o Boris, a bater nas paredes do Lubyanka, a tentar entrar.

Ou dizia que o Boris tinha sido visto num evento, com bom aspeto e de braço dado com a esposa. «Desembaraçado», era a palavra que Semionov usara. Às vezes, não era a esposa, mas uma jovem atraente. «Francesa, acho eu.» Eu fazia por sorrir e dizia que estava contente por ele estar feliz e saudável.

Semionov nunca me encostou um dedo, nem sequer ameaçou fazê-lo; mas a violência estava sempre lá, o seu comportamento delicado era sempre calculado. Conhecera homens como ele ao longo de toda a minha vida e sabia bem do que eram capazes.

*

À noite, eu e as minhas companheiras de cela atávamos tiras de lençóis bafientos à volta dos olhos — numa tentativa inútil de anular as luzes que nunca se apagavam. Os guardas iam e vinham. O sono ia e vinha.

Nas noites em que o sono nem sequer aparecia, eu inspirava e expirava, tentando acalmar a mente por tempo suficiente para dar espaço ao

bebé que crescia dentro de mim. Punha a mão na barriga, tentando sentir alguma coisa. Certa vez, pensei ter sentido algo minúsculo — tão minúsculo como uma bolha a rebentar. Agarrei-me a essa sensação enquanto pude.

À medida que a minha barriga foi crescendo, deixaram-me ficar deitada por mais uma hora do que as outras mulheres. Também me deram uma porção extra de *kasha* e, de vez em quando, uma dose de couve cozida. As minhas companheiras de cela também partilhavam as suas doses comigo.

Acabaram por me dar uma bata maior. As minhas companheiras de cela pediam para me tocar na barriga e sentir os pontapés do bebé. Os pontapés dele eram como a promessa de uma vida fora da Cela N.º 7. «O nosso prisioneiro mais pequenino», cantarolavam elas.

*

A noite começou como todas as outras. Fui tirada da cama com a pancada de um cassetete e escoltada até à sala de interrogatórios. Sentei-me em frente ao Semionov e deram-me uma nova folha de papel.

Depois alguém bateu à porta. Um homem, com o cabelo tão branco que quase parecia azul, entrou na sala e disse ao Semionov que o encontro já estava combinado. O homem virou-se para mim.

— Pediste um encontro e vais tê-lo.

— Pedi? — perguntei. — Com quem?

— Com o Pasternak — respondeu Semionov. O seu tom de voz era mais alto e agressivo na presença do outro homem. — Ele está à tua espera.

Não acreditei. Mas quando me meteram na parte de trás de uma carrinha sem janelas, deixei-me acreditar. Ou antes, não consegui conter uma esperança mínima. A ideia de o ver, mesmo naquelas circunstâncias, era a maior alegria que sentira desde o primeiro pontapé do nosso bebé.

Chegámos a outro edifício do governo, e fui levada por uma série de corredores e descí vários lanços de escadas. Quando chegámos a uma sala escura, na cave, estava exausta e a transpirar, e não conseguia deixar de pensar que o Borya ia ver-me naquele estado lastimável.

Virei-me, observando a sala vazia. Não havia cadeiras; não havia mesa. Uma lâmpada pendia do teto. O chão inclinava-se em direção a um ralo cheio de ferrugem, ao centro.

— Onde está ele? — perguntei, apercebendo-me imediatamente do quanto tinha sido estúpida.

Em vez de me dar uma resposta, a minha escolta empurrou-me subitamente por uma porta de metal, que se trancou atrás de mim. O fedor atingiu-me. Era doce e inconfundível. Mesas com silhuetas compridas, cobertas por tecido, tornaram-se nítidas. Os joelhos falharam-me, e eu caí no chão frio e molhado. O Boris estaria ali debaixo? Foi por isso que me levaram ali?

A porta voltou a abrir-se, depois do que podiam ter sido minutos ou horas, e dois braços puxaram-me para me pôr de pé. Fui novamente arrastada pelas escadas acima, por mais corredores aparentemente infinitos.

Ao fundo de um dos corredores, entrámos num elevador de carga. O guarda fechou as grades e puxou a alavanca. Os motores ganharam vida, e o elevador sacudiu-se violentamente, mas não saiu do lugar. O guarda voltou a puxar a alavanca e abriu a grade.

— Estou sempre a esquecer-me — disse, com um sorriso malicioso, empurrando-me para fora do elevador. — Há séculos que não funciona.

Virou-se para a primeira porta à esquerda e abriu-a. Semionov estava lá dentro.

— Temos estado à espera — disse.

— *Quem?*

Semionov bateu duas vezes na parede. A porta abriu-se novamente, e um velhote entrou, a arrastar os pés. Demorei algum tempo a perceber que era Sergei Nikolayevich Nikiforov, o antigo professor de Inglês da Ira — ou uma sombra de si mesmo. A barba normalmente delicada do professor estava crespa; as calças caíam-lhe do corpo esguio, os sapatos não tinham os cordões. Tresandava a urina.

— Sergei — sussurrei. Mas ele recusou-se a olhar para mim.

— Começamos? — perguntou Semionov. — Ótimo — disse, sem esperar uma resposta. — Vamos recapitular. Sergei Nikolayevich Nikiforov, confirma a prova que nos deu ontem: que esteve presente durante as conversações de natureza antissoviética, entre Pasternak e Ivinskaya?

Gritei, mas fui rapidamente silenciada por uma estalada do guarda que estava ao lado da porta. Bati contra a parede de azulejo, mas não senti nada.

— Sim — Nikiforov respondeu, ainda de cabeça baixa.

— E que a Ivinskaya o informou acerca do seu plano para fugir para o estrangeiro, com Pasternak?

— Sim — disse Nikiforov.

— Não é verdade! — gritei! O guarda atirou-se na minha direção.
— E ouviu transmissões de rádio antissoviéticas em casa da Ivinskaya?
— Isso não... na verdade, não... Acho...
— Então, mentiu-nos?
— Não. — O velhote levantou as mãos trémulas para tapar o rosto, soltando um gemido terrível.
Disse a mim mesma para não olhar, mas olhei.

Depois da confissão de Nikiforov, levaram-no embora e, a mim, de volta à Cela N.º 7. Não sei bem quando é que a dor começou — havia horas que estava entorpecida —, mas, a dada altura, as minhas companheiras de cela avisaram os guardas de que o meu saco-cama estava ensopado em sangue.

Fui levada para o hospital do Lubyanka e, enquanto o médico confirmava o que eu já sabia, só conseguia pensar que a minha roupa ainda tinha o cheiro da morgue, da morte.

*

«As declarações das testemunhas permitiram-nos descobrir as suas ações: continuou a denegrir o nosso regime e a União Soviética. Ouviu a rádio Voice of America. Caluniou autores soviéticos com perspetivas patrióticas e aclamou vivamente a obra de Pasternak, um escritor com opiniões contra o Estado.»

Ouvi o veredicto do juiz. Ouvi as suas palavras e o número que indicou. Mas só quando voltei para a minha cela é que juntei as duas coisas. Alguém perguntou, e eu respondi: «Cinco anos.» E foi só aí que me apercebi: cinco anos, num campo de reeducação, em Potma. Cinco anos, a seiscentos quilómetros de Moscovo. A minha filha e o meu filho seriam adolescentes. A minha mãe teria quase setenta anos. Ainda estaria viva? O Boris teria seguido em frente — talvez encontrasse uma nova musa, uma nova Lara. Talvez já o tivesse feito.

No dia seguinte à minha sentença, deram-me um casaco de inverno corroído pela traça e meteram-me na parte de trás de um camião tapado por uma lona, cheio de mulheres. Vimos Moscovo a passar, através de uma abertura na traseira.

A dada altura, um grupo de crianças atravessou atrás do camião, aos pares. A professora disse-lhes que olhassem em frente, mas um rapazinho virou-se e olhou-me nos olhos. Por instantes, imaginei que era o meu filho, o meu Mitya, ou talvez o bebé que nunca viria a conhecer.

Quando o camião parou, os guardas berraram-nos para que saíssemos e corrêssemos para o comboio que nos levaria para o *Gulag*. Pensei nas primeiras páginas do romance do Borya, de Yuri Jivago a entrar num comboio com a sua família, em busca de segurança nos montes Urais.

Os guardas fizeram-nos sentar em bancos, numa carruagem sem janelas, e, enquanto o comboio arrancava, fechei os olhos.

Moscovo alarga-se em círculos, como um seixo atirado a um lago. A cidade expande-se a partir do seu centro vermelho, para as suas avenidas e monumentos, até aos edifícios de apartamentos — cada um mais alto e largo do que o seguinte. Depois vêm as árvores, depois o campo e depois a neve, apenas a neve.